



CULTURA



BAMBAS DE BH

Silvestre Filho, Pedrinho do Cavaco, João Botelho e Ailton Cruz lançam o disco *Sambêlo*.

PÁGINA 6



Em *Nise – O coração da loucura*, Augusto Madeira interpreta um enfermeiro que rejeita as propostas da psicanalista, mas acaba abraçando sua causa.



VERSÁTIL E ONIPRESENTE

COM PAPÉIS NA TELEVISÃO, CINEMA, TEATRO E PUBLICIDADE, O ATOR AUGUSTO MADEIRA SE ALIMENTA DO TRABALHO, EMENDA UMA PRODUÇÃO NA OUTRA E APOSTA NA NOVA GERAÇÃO DE ROTEIRISTAS DO PAÍS

HELVÉCIO CARLOS

Augusto Madeira é presença onipresente na indústria do audiovisual e também no teatro. Quer ver só? Esta semana, ele pode ser visto na cidade no filme *Uma loucura de mulher*, de Marcus Liggocki Júnior, e *Nise – O coração da loucura*, de Roberto Berliner. Sem contar os longas com previsão de estreia no ano que vem, entre eles o esperado *Pedro Malasartes e o duelo com a morte*, de Paulo Morelli; *Vidas partidas*, de Marcos Schetchman; e *O beijo no asfalto*, a estreia de Murilo Benício na direção. "Tem gente que diz que sou projeto de Wilson Grey", brinca, em referência ao ator carioca, que entre os anos 1940 e 1990 fez mais de 200 filmes. Madeira faz cinema há 27 anos quase sem parar. "Entre longas e curtas, tenho 60 filmes. Só este ano fiz seis. Ano passado, cinco", contabiliza, com a naturalidade de quem faz o que gosta, sem estrelismo.

"Na verdade, sou de tudo. Fiquei 28 anos sem sair de casa, emendando um espetáculo no outro, em companhias pelas quais tenho muito respeito. Trabalhei com o Aderbal (Freire-Filho), com Kiki (Dias), com Yara (de Novais). Teatro para mim é um negócio sério e muito sagrado", afirma. Apaixonado pelo tablado, Augusto conta que já chegou a fazer três peças (*Jacinta*, *A serpente* e *20 mil léguas submarinas*), ao mesmo tempo, entre o Rio de Janeiro e São Paulo.

Há dois anos, a agenda ficou apertada e o ator optou por dar um tempo do palco. "Precisei parar. Não queria constanger as produções de teatro, mas também não queria abrir mão de um mercado aquecido como o das produções dos canais a cabo", diz ele, ansioso pela estreia de *O homem de sua vida*, na HBO. "Houve uma época em que me achava ator de filme publicitário. Foram mais de 200", recorda ele, cujo trabalho mais marcante no setor foi a campanha para a Sky estrelada pela modelo Gisele Bündchen. Madeira tem orgulho dos oito prêmios conquistados como melhor ator de curtas metragens.

Se para o leitor é impossível encantar a rotina entre sets de filmagem, para o ator, acredite, chato mesmo é ficar sem fazer nada. "Meu estresse é passar uma semana em casa. Sou *workaholic*", confessa. "Minha profissão me traz vitalidade, me diverte por fazer o que faço, me dá saúde". Mas, mesmo com tanto entusiasmo, Augusto pisou no freio ao encerrar um perrengue daqueles quando foi obrigado a pegar mototáxi para sair do Projac, no final da tarde, para chegar antes das 21h a um teatro em Botafogo, em pleno rush.



Andrea Beltrão contracenou com Madeira na peça *Jacinta*, musical dirigido por Aderbal Freire-Filho

"Nesse dia, parei para repensar minha agenda. Hoje tenho prioridades."

Apesar da crise em vários setores da economia, Augusto Madeira não é pessimista em relação à queda da produção. "Os grandes financiadores eram as estatais", pondera. "Mas, pela Lei do Audiovisual, os canais são obrigados a fazer material de conteúdo nacional. Essa obrigação continua lá e, de alguma forma, a produção irá continuar. Conquistamos o mercado que está aí, consolidado. Somos bons de luta. A indústria não vai acabar assim de mão beijada. Não vamos deixá-la ir embora", defende.

GERAÇÃO Com experiência no cinema e na TV, Augusto é otimista quanto ao futuro dos roteiristas. "Parece que não, mas a herança nefasta da censura não matou a geração daquela época, matou a geração que estava nascendo. E essa geração que nasceu ali e não escreveu gerou outra geração. Na verdade, agora estamos saindo do buraco. Estamos aprendendo a escrever, a falar da gente. O roteiro de *Polidório*, com José de Abreu, é uma coisa redonda. Na primeira leitura, todo mundo caiu aos prantos. O *lôbo atrás da porta*, de Fernando Coimbra, é um primor", elogia.



ROSE O. GONÇALVES/ALCANTARA

Assim como atua em todas as frentes, Augusto não se prende apenas a um gênero. "Em *Nise*... faço um personagem com arco incrível e o público se surpreende. Faço muita coisa de humor por ser convidado. Acredito fazer com alguma categoria por que continuo me convidando. Adoro papéis dramáticos. Na série da HBO, minha personagem é cheia de nuances. Sou um ator que gosta de servir à história."

Ser ator profissional não era prioridade de Augusto aos 16 anos. Com talento para o desenho – "desenhava bem, não perdi o traço" – foi ver espetáculo encenado por algumas amigas, alunas do curso de teatro de Roberto Bonfatti. "Fui assistir, achei sensacional e entrei 'não oficialmente'. No final daquele ano, montamos *Greuse*. Se a admiração pelo palco veio rápido, o mesmo não se pode dizer da postura para encarar a carreira. "Demorei a assumir que era ator. Quando decidi, entrei nesse ritmo. Mal comecei e já queria saber o que tinha pela frente. Peça infantil, teledrama ao vivo? Eu faço. Tudo foi somando. Foi aprendendo... Desde novo metia a cara e não era por necessidade de sobrevivência."

Depois de dois ou três anos, já firme na carreira, em plena Era Collor, o pai de Augusto, que trabalhava no mercado financeiro, falou e vendeu casa, escritório, tudo. Foi quando ele se jogou na vida, dividindo apartamento e contas com o ator Bruno Garcia. "Ele estava no elenco de *O burguês ridículo* com Marco Nanini. No meu caso, de vez em quando caía o dinheiro de um comercial. O Bruno segurava a onda e, muitas vezes, dizia para eu pagar apenas o aluguel da linha telefônica. Somos irmãos."

Quase 30 anos depois e uma sucessão de trabalhos que parecem não parar tão cedo, Augusto prefere o projeto pelo qual se apaixonou. "A melhor alegria é o caminho, a história de fato. Quando me chamam para um trabalho, chego no set e 80% da equipe me conhece e abre um sorriso de alegria em estar comigo lá. É muito bom. Olho para trás e não me envergonho de nada. Pelo contrário. Tenho orgulho da minha estrada. Já estive no lucro há muito tempo. Estaria feliz com um décimo do que já fiz. E a estrada para frente está bonita", conclui.

Do drama à comédia, o ator faz de tudo um pouco, mas demorou a decidir se profissionalizar